CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JOÃO BOTELHO – OS FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA DE AS FILMAR
17 de setembro de 2022

NOS CAMPOS EM VOLTA / 2015

um filme de João Botelho

Realização: João Botelho / **Fotografia:** João Ribeiro **/ Som:** António Pedro Figueiredo / **Montagem**: Edgar Aberto / **Música:** Joana Guerra / **Com:** Margarida Vila-Nova.

Produção: Ar de Filmes, Museu Municipal de Arqueologia de Serpa / **Produtor:** Alexandre Oliveira / **Cópia:** da Ar de Filmes, DCP, 12 minutos, cor, versão original com legendas em inglês / **Estreia em Portugal:** 24 de abril de 2015 (IndieLisboa – Festival Internacional de Cinema) / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

CARMINHO NO LUX / 2011

um filme de João Botelho

Realização: João Botelho / **Direção Musical:** Diogo Clemente / **Câmaras:** Pedro Taborada, Sérgio Brilha, Ricardo Mourão / **Captação de Som:** Luís Caldeira, Nuno Monteiro / **Montagem:** Maria Joana Figueiredo / **Com:** Carminho e os músicos Luís Guerreiro, José Manuel Neto, Ângelo Freire, Diogo Clemente, Daniel Pinto, Ruben Alves, Mário Franco.

Produção: Músicas do Mundo / **Cópia**: DCP, 44 minutos, cor / **Estreia em Portugal:** data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Mesmo que pouco ou nada permita ligar os dois filmes reunidos quase por acaso nesta sessão da extensa retrospectiva (ainda que não integral) da obra de João Botelho, a sua apresentação conjunta tem o mérito de iluminar uma faceta presente no seu trabalho de forma recorrente na última década e meia: a alternância entre projectos de natureza mais pessoal (quase sempre no formato de longa metragem) e os pequenos filmes (entendidos aqui tanto na sua menor duração como eventualmente na menor ambição de deixar uma marca autoral distinta). Essa disponibilidade de Botelho para a dispersão por temas e formas muito diversas que resultam menos de uma ideia ou impulso iniciais do próprio realizador e mais da resposta aos vários tipos de encomenda que lhe chegam (mas algumas das suas melhores longas dos anos 1980 e 1990 – como TRÊS PALMEIRAS e NO DIA DOS MEUS ANOS - não resultaram também de certa forma de solicitações externas a que Botelho respondeu com filmes completamente idiossincráticos?) será porventura a marca também da sua permanente inquietude enquanto cineasta, traduzindo o ritmo particularmente intenso do seu trabalho nos anos mais recentes, o qual parece ter-se acelerado consoante avançava em idade (à maneira do seu mestre Manoel de Oliveira).

Assinale-se o modo como, mesmo nas "encomendas", João Botelho procura um caminho menos fácil ou menos óbvio do que eventualmente seria expectável, preferindo fazer de cada filme não só uma resposta a um pedido, mas também uma resposta original sobre o que filmar e como filmar para corresponder a cada proposta.

De maneiras diferentes, essa ideia aplica-se tanto a NOS CAMPOS EM VOLTA como a CARMINHO NO LUX.

Resultando da encomenda feita pela Câmara Municipal de Serpa a João Botelho de um "conteúdo" audiovisual que integrasse a exposição permanente do Museu Municipal de Arqueologia da localidade, NOS CAMPOS EM VOLTA "escava" esse território em busca de vestígios das sucessivas civilizações que habitaram aquela planície fértil do Baixo Alentejo à beira do Guadiana. Botelho contrapõe a presumível imutabilidade do meio natural contra as várias camadas de história que se lhe sobrepuseram para nos fazer sentir a passagem do tempo e a ressonância de uma antiguidade com qualquer coisa de mitológico (o plano de Margarida Vila-Nova ao lado do tronco milenar de uma oliveira será eventualmente o melhor símbolo da persistência desse passado e da impossibilidade de separar aquilo que é da natureza do que resulta da sedimentação de uma cultura antiga de séculos). Sem recusar o programado didactismo de objecto de carácter museológico (da construção do texto à entoação de Vila-Nova há qualquer coisa de "escolar" que parece uma forma de Botelho brincar com os limites da encomenda), NOS CAMPOS EM VOLTA não deixa de fazer-nos sentir (no tipo de enquadramentos, no artifício da iluminação, no prazer da narração) que o realizador de FILME DO DESASSOSSEGO ou PEREGRINAÇÃO não anda longe daqui.

Mas, como apontava Luís Miguel Oliveira noutra das folhas deste Ciclo (sobre dois dos seus filmes "transmontanos", PARA QUE ESTE MUNDO NÃO ACABE e A TERRA ANTES DO CÉU), Botelho é também um realizador peculiar pelo modo como a sua obra se tem dividido entre os filmes urbanos e os filmes sobre a ruralidade. De certa maneira, a presente sessão espelha também essa oscilação já que CARMINHO NO LUX resulta precisamente do interesse do realizador na música por excelência da capital portuguesa, sendo por isso sobretudo uma celebração do fado e do seu lugar no imaginário lisboeta através de uma das suas mais talentosas intérpretes actuais. Encarnando com conviçcão a diva fadista (a interpretação do fado tem tanto de vocal como de ritual), Carminho é o centro permanente deste filme-concerto reduzido ao essencial: o rosto e a voz de Carminho, os gestos e os sons dos instrumentistas que a acompanharam neste recital da cantora filmado na discoteca Lux e que contou com encenação do próprio João Botelho. O cenário é composto por três ilhas onde a cantora e os seus músicos se apresentam, cercados de público por todos os lados. Estamos no Lux como no ambiente obscurecido de uma casa de fados para ouvir "a verdade do fado". Sem voos rasantes por cima do público ou planos de corte para evitar que o espectador se aborreça (a única inovação visual do filme será a sobreposição de alguns planos que criam um efeito menos espectacular do que poético) retomamos o velho credo straubiano de que a única forma de filmar a música é deixar ouvi-la sem distrações. Silêncio então, que se vai cantar o fado.

Nuno Sena